

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA
Quinta feira 18 de junho de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros.....	600 "
Numero avulso.....	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros..	15000 "

RESUMO

Concurso de tiro civil.— A fortificação improvisada e o tiro moderno, por Miguel Garcia.— Real Gymnasio Club Portuguez.— Carreira de tiro.— Club dos Caçadores do Porto: escola de tiro, por Baptista de Sá.— Tiro civil em Bragança.— A camara municipal de Santarem, por Heitor Oliveira.— O direito de caçar, por Martelleiro.— O defeso.— A raposa.

CONCURSO DE TIRO CIVIL

PARA cumprimento do n.º 20 do regulamento de 18 de agosto de 1893, deve realizar-se no dia 28 de junho corrente, pelas 11 horas precisas da manhã, na Carreira de tiro da guarnição de Lisboa, o concurso annual de tiro para o qual offerecem premios:

- Sua Magestade El-Rei.
- Sua Magestade a Rainha.
- O Ministerio do Reino.
- O Ministerio da Guerra.
- O Ministerio da Marinha.
- A Camara Municipal de Lisboa.

Quaesquer outros premios offerecidos serão devidamente classificados pela ordem que o jury determinar.

Além dos premios haverá 20 medalhas, 1 de ouro e 19 de prata, mandadas cunhar pelo Ministerio da Guerra.

Jury

Presidentes: da Camara Municipal de Lisboa, o sr. conde de Restello; da Assembléa geral da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, o sr. José Martinho da Silva Guimarães; da Associação dos Atiradores Civis «Estrella», dr. A. M. da Cunha Belem; dois officiaes superiores, os srs. majores: Garcia, de caçadores 2; Machado, de infantaria 5; e dois capitães, os srs. Narchial de Carvalho, de infantaria 1; Jalles, de cavallaria 4.

Condições

Emprego exclusivo da espingarda 8^{mm} (K) m/1886, excepto para os militares de artilheria e de cavallaria, que poderão servir-se da carabina do mesmo modelo.

Podem tomar parte no concurso todos os atiradores nacionaes e estrangeiros.

1.ª série

10 tiros de pé. Distancia 300 metros. Alvo de 1^m,20 × 0^m,90 tendo ao centro um circulo de 0^m,60 de diametro. Marcação tiro a tiro.

2.ª série

10 tiros á vontade. Distancia 200 metros. Alvo figura de joelhos. Marcação tiro a tiro.

3.ª série

10 tiros de pé (repetição). Distancia 200 metros. Alvo rectangular de 1^m,80 × 0^m,90 com uma faixa horizontal ao centro do alvo. Marcação no fim da série.

O tiro de repetição será feito em 40 segundos ou em menos tempo, e, quando o atirador não satisfaça a esta condição, será classificado como se não tivesse empregado bala alguma no alvo.

O atirador pôde repetir, até á hora de terminar o concurso, qualquer das séries, á sua escolha, quando todos os atiradores tenham concluido as tres séries, munindo-se previamente de nova minuta.

A classificação para premios será feita em relação á somma de balas, de tres séries, acertadas nos alvos, já mencionados, preferindo em caso de egualdade:

- 1.º — O maior numero de balas acertadas no circulo do alvo da 1.ª série;
- 2.º — O maior numero de balas acertadas no alvo da 2.ª série;
- 3.º — O maior numero de balas acertadas abaixo da faixa horizontal do alvo da 3.ª série.

Os atiradores que repetirem uma das séries serão classificados em relação ás duas séries não repetidas e á melhor das repetidas.

A classificação para medalhas será feita do mesmo modo; porém, em relação ao total das balas acertadas nos mesmos alvos, incluindo a série repetida.

Os premios serão seguidamente numerados, e conferidos aos atiradores pela ordem em que estes forem classificados.

Os atiradores estrangeiros terão direito ás medalhas e ao premio do Ministerio da Guerra, bem como a quaesquer outros, dados com esse fim, quando obtenham classificação egual ou superior ao numero de ordem do premio.

As munições serão fornecidas gratuitamente pelo ministerio da guerra.

Os atiradores que mostrem inhabilidade no manejo da espingarda ou que prejudiquem a segurança da carreira, serão mandados retirar da linha de fogo por simples ordem do instructor.

O demais serviço respeitante á inscrição dos atiradores, distribuição do pessoal, linha de fogo, policia da carreira, etc., será regulado pelo respectivo director.

Sabemos que ha por este concurso o maior entusiasmo e que será muito concurrido, o que estimamos.

A Associação dos Atiradores Civis Portuguezes offerecerá tambem um premio, que, como já dissemos, tem o nome de Premio Caldas Xavier, homenagem de respeito e de saudade ao desditoso official, que tanto se sacrificou pela nossa Africa, onde finalmente succumbiu no cumprimento do seu dever.

A FORTIFICAÇÃO IMPROVISADA E O TIRO MODERNO

(Continuado do n.º 66)

VI

Utensilios portateis transportados pela infantaria franceza

Pá de cavar. (Fig. A). Comprehende este utensilio quatro partes: folha, reforço, virola e cabo. A folha construída d'áço fundido tem 0^m,145 de largura sobre 0^m,194 d'altura; é concava na sua superficie interior, cortante na parte inferior e lado direito, e em forma de serra, de trinta dentes, no lado esquerdo; os dentes tem 0^m,0045 de comprimento.

O reforço é de folha, em forma de lança, e cuja parte triangular é presa á folha de cavar por cinco prégos symmetricamente collocados, um na ponta e os outros quatro, dois á dois, sobre cada lado. O prolongamento d'este reforço forma a outra metade da gola da pá e é preso ao cabo por meio de prégos.

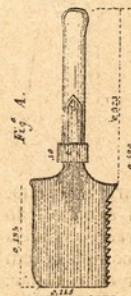
A virola ou collar de ferro, tem 0^m,03 de largura e serve para consolidar a reunião das duas partes, entalhe da pá e cabo; esta virola é fixada á pá e ao cabo por meio de um prégo que a atravessa pelo centro pouco mais ou menos.

A pá com o estojo pesa 1^k,055; sem estojo 0^k,765.

O cabo é de freixo, polido e envernizado, sem nó, nem defeito, terminado por um botão na sua parte superior e medindo 0^m,323 de comprimento.

Transporte. Presa á mochila. (Fig. B). Colloca-se verticalmente na face esquerda da mochila, tendo o ferro para baixo com a concavidade para dentro e o gume em contacto com o bordo inferior da mochila e o cabo excedendo a face esquerda da mesma.

O utensilio é mantido n'esta posição pela correia lateral da esquerda e pelo francalete do capote. N'este sentido a correia lateral é introduzida no passador fixo sobre a face anterior do estojo e a correia do capote dá uma volta completa em torno do cabo e passa na direita da correia superior da esquerda entre o estojo e a mochila. Póde-se tirar a pá do seu estojo, desafivelando sómente a correia do capote, ficando assim o estojo preso á mochila pela correia lateral.



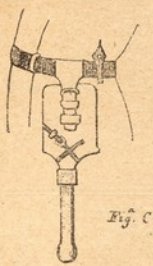


Fig. C

Preso ao cinturão. (Fig. C). Dispõe-se sobre o lado esquerdo com a folha voltada para cima e a parte concava para o interior; é suspensa com o auxílio d'uma presilha, que passa por debaixo do cinturão e se aferra a um botão preso sobre a parte anterior do estojo.

Póde-se tirar a pá do seu estojo sem desafivelar a presilha, que a suspende ao cinturão.

Enxada ou picareta. (Fig. A). Comprehen-de duas partes distinctas, o ferro e o cabo.

O ferro tem de comprimento 0^m,375 e é aguçado em uma das extremidades e termina na outra por um gume de 0^m,065 de largura. Pesa 1^k,490 sem estojo e com este 1^k,690.

Transporte. Preso á mochila. (Fig. B). O cabo é disposto horizontalmente contra o bordo superior da mochila, tendo o ferro do gume para baixo e excedendo todo o lado esquerdo da mochila; a

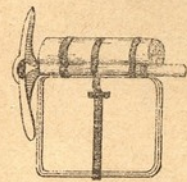


Fig. B

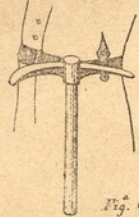


Fig. C

abertura do estojo fica para a direita. O utensilio é mantido em sua posição pelas tres correias superiores; a correia da direita dá uma volta completa em torno do cabo para impedir de resvalar.

Preso ao cinturão. (Fig. C). E' disposto sobre o lado esquerdo, ficando a abertura do estojo para baixo e a ponta para a esquerda. E' preso por meio de uma presilha, que passa por baixo do cinturão e vem prender-se a um botão de cobre collocado adiante.

(Continúa.)

Miguel Garcia.
(Tenente d'infanteria.)

REAL GYMNASIO CLUB PORTUGUEZ

UMA comissão de socios d'este club composta dos srs. Carlos Mendes Alçada de Paiva, Joaquim Ignacio de Barcellos Junior, Julio Pinto Gomes da Costa, Valentim Duarte Pinto, Arthur Duarte Pereira, Augusto de Sousa Magalhães, Augusto Vaz Monteiro, promovem na noite de 20 do corrente um sarau de gymnastica, athletica, esgrima e velocipedia seguido de baile em honra do seu prestimoso consocio o ex.^{mo} sr. Arthur Leopoldo Xavier Pessoa, dignissimo presidente da direcção d'este gymnasium, inaugurando-se n'esta occasião a sala de velocipedia.

CARREIRA DE TIRO

Nos tres dias feriadados funcionou a *Carreira* fazendo-se no dia 12, 1:370 tiros, no dia 13, 1:020 e no dia 14, 1:660, total 4:050 tiros com a arma de guerra, fóra muitos outros com diferentes armas.

El-Rei esteve na *Carreira* nos dias 13 e 14, assistindo aos exercicios quasi todo o tempo que elles duraram. Tanto n'um dia como no outro fez muitos tiros com a espingarda *Lee Metford*; espingarda de dois canos, de bala, de *J. Pardey-Sons*; *Martini*, e carabina *Mannlich*.

Com esta ultima fez fogo de repetição, fazendo magnificas séries sobretudo no domingo, em que acertou tres de 8 em 10 e duas de 10 em 10, gastando entre 34 e 36 segundos, em cada uma, apesar de ao fim dos 5 tiros ter que metter novo carregador, o que lhe fazia perder de 3 a 4 segundos; com a mesma carabina fez muitos tiros magnificamente agrupados ao alvo normal a 300 metros.

Teve a amabilidade de emprestar a espingarda *Martini* ao distincto atirador o sr. J. Consiglieri Pedrozo, que fez com ella dois tiros. El-Rei retirou-se em seguida.

Os 4:050 tiros disparados nos tres dias dividem-se pela seguinte forma por alvos:

Alvos de concurso

No dia 12

A 200 ^m , figura...	440	disparados	207	acertados
» 200 ^m , repetição	400	»	200	»
» 300 ^m ,.....	420	»	212	»
Total...	1:260	»	619	»

Alvos normaes

Alvo a 100 ^m ,	60	disparados	43	acertados
» » 300 ^m ,	70	»	46	»
Total...	130	»	89	»

Alvos de concurso

No dia 13

A 200 ^m , figura...	320	disparados	138	acertados
» 200 ^m , repetição	210	»	74	»
» 300 ^m ,.....	410	»	207	»
Total...	940	»	419	»

Alvos normaes

Alvo a 100 ^m ,	10	disparados	7	acertados
» » 300 ^m ,	60	»	41	»
Total...	70	»	48	»

Alvos de concurso

No dia 14

A 200 ^m , figura...	580	disparados	231	acertados
» 200 ^m , repetição	350	»	129	»
» 300 ^m ,.....	500	»	224	»
Total...	1:430	»	584	»

Alvos normaes

Alvo a 100 ^m ,	80	disparados	46	acertados
» » 300 ^m ,	140	»	74	»
Total...	220	»	120	»

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta associação fizeram nos 3 dias 2:290 tiros com os seguintes resultados:

No dia 12

	Disparados	Acertados
A 200 ^m , figura de joelhos..	310	156
» 200 ^m , repetição.....	310	167
» 300 ^m , concurso.....	260	144
» 300 ^m , normal.....	10	8
Total.....	890	475

No dia 13

	Disparados	Acertados
A 200 ^m , figura de joelhos..	170	75
» 200 ^m , repetição.....	170	59
» 300 ^m , concurso.....	290	149
» 300 ^m , normal.....	20	12
Total.....	650	295

No dia 14

	Disparados	Acertados
A 200 ^m , figura de joelhos..	270	113
» 200 ^m , repetição.....	170	80
» 300 ^m , concurso.....	270	127
» 300 ^m , normal.....	40	22
Total.....	750	342

Os socios d'esta associação teem concorrido em grande numero ás sessões de tiro, fazendo-se series muito regulares, sobretudo em alvos de concurso.

Associação dos Atiradores Civis Estrela

Os socios d'esta associação fizeram 420 tiros, com os seguintes resultados:

No dia 12

	Disparados	Acertados
Alvo a 200 ^m , fig. de joelhos	50	14
» » 200 ^m , repetição.....	30	3
» » 300 ^m , concurso.....	30	6
» » 300 ^m , normal.....	10	6
Total.....	120	29

No dia 13

	Disparados	Acertados
Alvo a 200 ^m , fig. de joelhos	90	31
» » 200 ^m , repetição.....	10	2
» » 300 ^m , concurso.....	30	7
Total.....	120	40

No dia 14

	Disparados	Acertados
Alvo a 200 ^m , fig. de joelhos	80	20
» » 200 ^m , repetição.....	40	9
» » 300 ^m , concurso.....	60	23
Total.....	180	61

Os grupos *Patria*, *Suisso*, *Lisbonense* e do *Atheneu* contribuíram tambem com muitos dos seus socios para que a concorrência n'estes dias fosse numerosa.

Continuou ainda a ser distribuido o cartuxame que, está mais do que provado, não prestar; os cartuxos estão dilatados, e por isso não cabem na *camara* das espingardas, damnificando as armas, como succedeu no dia 12, em que tres ficaram sem *extractores*. Consta-nos que vão ser enviados para a *Carreira* vinte mil cartuxos; pena é que não tivessem ido mais cedo, afim de os atiradores os terem aproveitado ensaiando-se para o concurso.

CLUB DOS CAÇADORES DO PORTO

ESCOLA DE TIRO

ESTÃO inscriptos para o concurso de tiro á clavina, a 120 metros, 19 atiradores; para o de clavina, a 25 metros, 6; para o de revólver, 8; e para o de pistola, 5.

Prestaram a primeira prova n'uma série de 10 tiros cada um, para o concurso a 120 metros, os atiradores abaixo designados, cuja classificação damos á margem:

	Pontos
João Andresen.....	64
Alberto Andresen.....	58
Baptista de Sá.....	52
A. Seara.....	49
Guilherme Andresen.....	44
Santos Pinto.....	42
Amadeu Paiva.....	33
Antonio Calheiros.....	33
G. Wandschneider.....	31
A. Azevedo.....	31
A. Barros.....	29
Guilherme Puls.....	28
Costa Arantes.....	27
Abilio Couto.....	18
A. Andrade.....	11
Pedro Maria.....	4
A. Corrêa.....	0

Não compareceram dois concorrentes por se acharem fóra da terra.

O primeiro, segundo, quinto, nono e duodécimo atiraram com a *Colt's*, 38 e todos os outros com a *Martini-Francotte*, 320 e 380.

Na primeira prova do concurso a 25 metros, na mesma de série 10 tiros, a classificação foi a seguinte:

	Pontos
A. Andresen, (com a clavina <i>Francotte</i>)...	35
Baptista de Sá, (com a <i>Bosquette</i>).....	30
João Andresen, (com a <i>Colt's</i>).....	27
Guilherme Puls, (idem).....	21
Antonio Calheiros, (com a <i>Francotte</i>)...	21
Amadeu Paiva, (idem).....	15

Estes torneios officiaes foram dirigidos pelo sr. Jacintho de Mattos e presididos pelos srs. dr. Jayme Ribeiro, Edmundo Maia e Manuel Monteiro.

No torneio ordinario de domingo pasado, de tiro a chumbo, com 2 pombos, 5 pardas, 3 esferas e 2 placas de vidro, entraram 11 atiradores que fizeram os seguintes tiros bons:

Antonio da Silva.....	11
Baptista de Sá	11
Santos Pinto.....	11
Paiva Freixo.....	9
Dr. Jayme.....	9
Dr. P. Ferreira.....	8
Carlos Albuquerque.....	8
Heitor Antunes.....	8
Arnaldo Moraes.....	7
Amadeu Paiva.....	5
Luiz Mexia.....	5

Por terem obtido egual classificação os tres primeiros atiradores, ficou indecisa a adjudicação d'um premio particular, um grupo de dois lindos perdigueiros de *biscuit* descansando das fadigas da caça, offerecido pelo sr. Amadeu Paiva. Feito o desempate em tiros de costas, aos vidros e esferas, tocou, depois de muito disputado, tiro a tiro, a Antonio Silva.

O jury d'este torneio era composto dos srs. Arthur Meyrelles, Simeão Cardoso e Edmundo Maia, secretario, sendo dirigido pelo sr. Jacintho de Mattos, director de serviço actualmente.

Além d'estes torneios, officiaes e ordinarios, outros se tem effectuado na Escola, de caracter particular, que tem despertado vivo interesse por decidirem *poules* e apostas medianamente boas.

A inscripção para o concurso de tiro a chumbo termina hoje, e amanhã deve fazer-se a primeira prova no concurso de tiro ao revólver e á pistola.

Apesar de ser consideravel o numero de socios do *Club dos Caçadores do Porto*, é relativamente pequeno o numero d'aquelles que tomam parte nos concursos. Pois se entre os associados ha um ou outro que não se ageite com os tiros que se fazem na Escola, um ou outro que só se importa, verdadeiramente, com os tiros que se fazem no monte, é certo que ha muitissimos mais que reconhecem as vantagens adquiridas n'uma escola de tiro, tão util ao caçador, quer elle se dedique simplesmente ao tiro á bala, quer se dedique ás duas especialidades de tiro. Mas não concorrem porque a nossa vocação principia agora, por assim dizer, a dar o primeiro passo para a educação do tiro.

Oxalá que, ao menos, não venha o arrependimento e o desanimo, tolher as passadas iniciaes, para não termos de lamentar mais um desmoronamento de uma obra boa, ainda não acabada, e á qual nós desejamos seculos sobre seculos de vida.

Porto, 15 de junho de 1896.

Baptista de Sá.

TIRO CIVIL EM BRAGANÇA

No dia 12 do corrente começaram os exercicios de tiro civil n'esta cidade, tendo-se inscripto muitos atiradores, que logo no primeiro dia, não desmentiram o que de mais está sobejamente demonstrado, que é os portuguezes serem naturalmente magnificos atiradores.

Dirigiu o exercicio o sr. tenente Pereira Lopo, de caçadores n.º 3, dando mais uma vez provas da intelligencia e boa vontade com que desempenha as commissões de serviço que lhe são incumbidas. Pomos as nossas columnas á disposição do distincto militar e de qual-

quer outro cavalheiro que d'essa localidade nos queira honrar com informações sobre tão prestimosa quanto util instrucção.

Á CAMARA MUNICIPAL DE SANTAREM

PRETENDE a camara de Santarem lançar um novo tributo sobre os cães, o que se por um lado merece a nossa approvação, por outro lado achamos temporaneo. Approvamos, porque é esse um dos meios de evitar os desastres, infelizmente tão repetidos, que a hydrophobia todos os dias occasiona.

É justo que o proprietario que possui um cão de guarda, de que tira proveito, pague um imposto, é justo que o dono de um cão de luxo pague esse goso. É injustissimo que o caçador tenha que pagar uma contribuição pelos seus cães, enquanto os poderes publicos e sobretudo as camaras municipaes, não olharem pela caça como devem.

O proprietario tira proveito immediato do seu cão de guarda, bem como o dono de um cão de luxo, mas para que um caçador tire proveito das despezas que faz com o seu cão de caça, é necessario que haja fiscalisação sobre a caça.

Pouquissimos concelhos e camaras municipaes olham para este assumpto com a devida attenção. Santarem é do numero d'aquellas em que se caça em toda a época e por todos os meios, fazendo-se uso além da espingarda, de ratoeiras, de loizas, do ramo, etc., e até do furão na occasião das criações.

O caçador paga tambem uma contribuição pelo porte d'arma, o que mais o onera ainda sobre os outros proprietarios de cães.

Perguntamos: que garantias offerece a camara municipal de Santarem aos donos dos cães sobre que quer cobrar imposto?

Manda-os matar pelos seus agentes nas ruas, estradas e onde quer que os encontre sem colleira e sem açaímo!...

Fomos dos primeiros a applaudir, que os donos dos cães fossem obrigados a trazel-os açaímodos, mas matar-se um cão pelo facto de o não trazer, é um absurdo.

O cão não pôde estar todo o dia açaímodado, demais o sabem. O abuso do açaímo predispõe o cão para a raiva e torna-o prejudicial. Prende-se o cão para não apparecer na via publica. Mas parte-se a corrente, roe a corda que o prende, quebra a colleira, o cão foge é encontrado e morto.

Que culpa tem o dono?...

Não imaginem que são casos unicos, repetem-se e succedem-se todos os dias, sem que os proprietarios dos cães possam prevêr e evitar estes accidentes ou lutar com o desleixo dos servos.

Reprovamos o processo de matar os cães na via publica por meio de bolos envenenados e ainda mais a sua distribuição pela policia. Dão-se scenas horrosas que incommodam o publico, e ha abusos que podem dar logar a lamentaveis desastres.

Possuimos um cão que estava de noite n'uma cavalleriça, ás vezes gania e incommodava um policia que morava perto. Nós ignoravamos; mas um dia o policia, sendo encarregado da extincção dos cães sem colleira (era então somente o que se exigia para escapar á morte), esperou que o cão acompanhasse o creado ao talho, seguio-os e deu um bolo ao

cão, que morreu cheio de convulsões. Comtudo o cão tinha colleira e era um animal de estimação.

Outro policia enfurecia-se com um excellente cão de guarda que dava signal todas as vezes que algum passava de noite pela estrada, e o cão foi morto, atirando-lhe um bolo envenenado para dentro de uma grade, onde o cão estava preso durante o dia.

Em todos os paizes e localidades onde o serviço de fiscalisação e extincção dos cães vadios está bem montado, ha um posto onde os cães encontrados sem colleira são depositados durante 8 dias. Os proprietarios podem reaver os seus cães, pagando 500 réis de multa e o sustento do animal durante os dias que esteve retido. Findo o praso os cães não reclamados são vendidos ou mortos. É regular. Portanto, illustres vereadores da camara municipal de Santarem, tributem os cães d'esse concelho, mas primeiro façam respeitar o *defeso* (porque os cães de caça são o maior numero) e estabeleçam um posto onde os cães possam ser reclamados.

Heitor Olavrac.

O DIREITO DE CAÇAR

ENCETAMOS hoje um arrazoado qualquer sobre questões de caça e advertimos já que não temos a estulta pretensão de dizer a ultima palavra sobre o assumpto.

Nunca passámos do que o nosso pseudonymo significa e nem sequer já nos restam illusões, porque ellas são quasi sempre incompativeis com os cabellos brancos, que comecam a dizer-nos que cedamos de todo o logar aos rapazes.

Que os rapazes, que não adormecerem ao lêr-nos, vejam no nosso aranzel uma especie de legado, ao menos a boa vontade de que elles possam ser mais felizes do que nós, a quem por vezes coube a desdita de percorrer leguas e leguas de matto sem conseguir dar um tiro, e nós ficaremos satisfeitos se ao terminar nos fizerem a justiça de acreditar que, muito embora martelleiro, fomos e seremos quanto possivel, ardente defensor d'uma justa regulamentação do direito de caçar, por estarmos de ha muito convencidos que não defendiamos ou defenderemos um simples passatempo, mas sim uma grande riqueza nacional.

**

Sem querermos agora fazer uma larga digressão pelos campos da Historia, limitar-nos-hemos a lembrar que ao augmento, sempre crescente, da população do nosso paiz tem necessariamente correspondido um consumo tambem crescente de cereaes, tendo nós annualmente um *deficit* enorme d'esses generos, o qual temos pretendido cobrir, já alargando as respectivas culturas, já espalhando outras cujos productos equilibrem na balança commercial, especialmente, o trigo que em larga escala recebemos do estrangeiro.

A area destinada á cultura do trigo e outras gramineas tem portanto augmentado, e, não menos do que esta a destinada á cultura da vinha que nos dá o nosso primeiro artigo d'exportação, posto que na auctorisadissima opinião do sr. Baldaque da Silva devesse ser o segundo logo que, a valer, se regulamentasse a pesca nos nossos rios e costas.

O alargamento das areas destinadas ás culturas cerealíferas e vitícola tem-se feito e continuará a fazer-se, inquestionavelmente, á custa das enormes charnecas que cobriam uma grande parte da superfície do paiz.

Como primeira e natural consequencia da destruição das charnecas tem-se accentuado o desaparecimento progressivo do que constituia a *caça grossa* que, não tendo já guarida sufficiente, emigrou ou cahiu morta ás mãos dos caçadores.

Em boa parte dos nossos districtos, lobos, javardos, veados, etc., são animaes que só se conhecem de nome e, oxalá que assim acontecesse em todo o paiz, se esse facto importasse a completa libertação da dependencia do estrangeiro no que respeita a cereaes.

Sobre a caça meúda, porém o effeito da destruição das charnecas não se tem feito sentir de um modo uniforme: o que é mau para uns, é óptimo para outros.

O coelho precisando de terrenos *sujos* para esconder-se vê approximar-se a hora da sua extincção; pelo contrario as outras tres especies que mais abundam, lebre, perdiz, e codorniz acham com o alargamento das culturas melhores condições e tenderiam, portanto a augmentar, se á extrema selvageria d'uma grande parte dos caçadores não correspondesse a mais criminoso indifferença por parte dos governos.

Admittido que o nosso patrimonio em materia de caça não vae além das quatro especies: lebres, coelhos, perdizes e codornizes, apenas a respeito d'estas massaremos quem nos lér, visto que outras especies de quadrúpedes que accidentalmente possam apparecer constituem o que se denomina, segundo a nossa lei, animaes damninhos e como taes devem ser destruidos em qualquer occasião, e, pelo que respeita a aves, todas as encontradas fóra do periodo de defeza que não sejam as que citámos, entendemos que podem ser destruidas por qualquer modo, folgando nós até se do grupo das aves d'arribação os nossos caçadores poderem tomar, emquanto ellas permanecerem entre nós, o que se chama a parte do leão.

(Continúa.)

Martelleiro.

O DEFESO

CONTINUA a série de reclamações contra todos os selvagens que conscientes e inconscientes destroem a caça; nós vamos transcrevendo aqui todas as que chegam ao nosso conhecimento e continuando a pedir ao esclarecido funcionario que está á frente d'este districto a sua intervenção n'este assumpto. Porque não procedem as autoridades, desde que se lhes apontam os factos e os criminosos?

Do nosso presado amigo e estimado assignante, o sr. Thomaz Coelho, que é um atirador e caçador distincto, recebemos a seguinte carta, a que damos publicidade da melhor vontade:

Amigo redactor:

Desde 7 de março de 1895, dia em que foi publicado pela primeira vez o *Tiro Civil*, eu tenho sido um dos seus leitores mais assíduos.

Lembra-me bem ainda do periodo com que abriu a secção que tem por titulo *A caça* a qual tem sido sempre destinada a advogar os interesses dos exercicios cynegéticos.

Se eu era então já um dos mais apaixonados pelo seu jornal, maior foi ainda o meu contentamento quando ao ler o n.º 31, isto é, o de 3

de outubro do mesmo anno, vi por baixo do seu titulo as seguintes palavras: *Orgão dos atiradores civis e caçadores portugueses*.

D'então para cá tenho seguido attentamente a campanha que tão bem sei sabido sustentar contra aquelles que não se importando com as leis administrativas e preceitos venatorios, caçam ou destroem os ninhos e creações no tempo *defeso!*

Permitta-me pois, que lhe conte tres factos verdadeiramente condemnaveis e dignos de repressão e que se teem dado este anno e muito proximo da nossa capital.

O primeiro é em Queijas, freguezia de Carnaxide, proximo da estrada militar em que um cantoneiro (cujo nome não terei duvida alguma em citar caso o meu amigo queira), que se entretém apanhando as perdizes no ninho destruindo-o e inutilizando os ovos! Um cantoneiro imagine o meu amigo a quem compete vigiar tambem se o defeso é respeitado!

O segundo é um patife d'um pastor (permitta-me e desculpe-me o termo) de Murganhal perto de Caxias, que durante o tempo defeso d'este anno já tem morto 15 coelhos!

Finalmente o terceiro é em Leceia, freguezia de Barcarena, que desafortunadamente vae á espera e já tem morto que eu saiba 6 coelhos e 2 perdizes.

Já vê pois o meu amigo como o defeso é respeitado a dois passos de Lisboa.

Se julgar conveniente dar publicidade a esta carta é mais um bom serviço que o *Tiro Civil* presta, se as autoridades competentes quizerem dar providencias.

Brevemente lhe contarei mais casos cuja veracidade garanto sob a minha palavra.

Lisboa, 9 de junho de 1896.

De V. etc.

Thomaz Coelho.

Do nosso collega *O Seculo*:

«*Sacavem, 13.* — Pede-se a attenção das autoridades para serem mantidas as disposições legais sobre o defeso da caça. Hoje, pelas 5 horas e meia da manhã, cinco individuos de Camarate, foram vistos caçando na Malvasia de Sacavem, com cães, fúões e espingardas».

Do nosso collega *O Districto*, de Setubal:

«Continuam os abusos.

De caçadores sabemos que vão á caça quando podem. Ha um sapateiro que só vae aos domingos e dias santos. Deixa a caça n'um quintal antes de entrar na cidade, e depois a vae vendendo clandestinamente. Na rua do Queimado ha um quintal com 6 cães que têm esse destino. Na travessa da Boa Hora ha outro. Podíamos tambem dizer onde moram os caçadores e os seus nomes. Apenas os convidamos por este meio a respeitarem o tempo do *defeso*».

No concelho de Cintra o abuso continúa do mesmo modo, apesar das reclamações; nas proximidades do Poceirão, nas propriedades do sr. José Maria dos Santos, em Cabrella, Pernada, Aguas de Moura, Asseiceira e Pé Claro, os caçadores destroem por todos os modos as ninhadas de perdigotos e de láparos. Como remediar este mal inveterado?

As autoridades bem o sabem, mas infelizmente nem todas se convencem de que para taes abusos não ha nada como a cadeia e as multas.

Em nome de todos os caçadores pedimos que se faça justiça, cumprindo-se rigorosamente a lei.

Sabemos que o sr. Vasconcellos, chefe da estação do Poceirão, já reclamou providencias ao sr. administrador do concelho de Setubal e faz todas as diligencias para que nas proximidades da estação se não cace em tempo defeso. O louvar a quem o merece.

A RAPOSA

(Concluido do n.º 67)

PARA estas caçadas deve haver o cuidado de tapar, durante a noite precedente, todas as covas dos arredores; tirar-se-ha assim ao animal a possibilidade de se esconder, o que infallivelmente succederia logo que se sentisse fraquejar.

Tomada esta precaução a raposa está quasi condemnada, porque deixa atraz de si cheiro tão activo que os cães mais novatos lhe não perdem o rasto. Além d'isso, este animal, tão fecundo em estratagemas para acabar com a vida dos outros, não tem quasi nenhuns para defender a sua. Limita-se a passar de tempos a tempos pelo mesmo caminho e a esconder-se nos logares mais espessos do bosque.

Passadas algumas horas é apanhada. Então volta-se e combate desesperadamente, mas a matilha despedaça-a.

Ha comtudo velhas raposas que zombam de todas as perseguições fugindo para logares inacessiveis aos cães e aos caçadores. Pertence ao monteiro conhecer estes logares e impedir que a raposa ali chegue. Consegue-se este fim defendendo-o com uma simples corda, estendida horizontalmente e guarnecida com pennas e trapos de cores vivas. A raposa vê isto, suspeita d'um laço e volta para traz, morre assim victima do excesso de prudencia.

A caçada a tiro é mais facil. Reunem-se alguns atiradores e occupam as passagens mais favoraveis d'um bosque onde sabem que ha raposas. O animal, perseguido pelos cães, vem apresentar-se aos tiros dos caçadores, que só podem accusar-se da sua impiericia se o deixam escapar.

Algumas vezes resiste ás provocações e retira-se para a cova, resolvida a não se mover emquanto os inimigos estão presentes. Resta então o recurso de lhe encher a cova de fumo ou de destruir com uma enxada. Sendo a primeira operação mais simples é a que se emprega de preferencia. Fecham-se todas as aberturas, á excepção d'aquella que recebe o vento; introduz-se n'esta ultima, tão profundamente quanto é possível, uma mécha de enxofre, depois juntam-se deante do buraco ramos seccos a que se deita fogo.

O fumo, impellido pelo vento, penetra até ao fundo da cova, levando consigo vapores sulfurosos. Quando a cavidade subterranea está completamente invadida, o fumo volta contra o vento; fecha-se então hermeticamente a ultima entrada e deixa-se até ao dia seguinte. Encontrar-se-ha a raposa junto d'um dos orificios, onde terá ido morrer.

Quando as raposas abundam n'um sitio, recorre-se a medidas mais energicas para as destruir; empregam-se então armadilhas e veneno.

A raposa é susceptivel de domesticar-se, mas os instinctos sanguinarios são invenciveis; matar é uma necessidade do seu organismo, eis porque é difficil conservar uma raposa adulta; os desastres que occasiona forçam o dono a matá-la.

A carne da raposa tem cheiro tão repellente que repugna até a muitos animaes. No emtanto ha quem a coma, principalmente nas terras onde as vinhas são abundantes.

As raposas mais conhecidas são a da Europa, azul da Russia; a zardo do Sahara, Nubia, Abyssinia e Dongola, a prateada e tricolor da America.

Faz-se d'estas pelles grande commercio.

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal—35, R. Ivens, 41